

Falar de Amílcar Cabral é falar das lutas dos povos

AMAURI MENDES PEREIRA*

Resumo

O texto aborda a obra e a trajetória intelectual e política de Amílcar Cabral, sua importância como liderança das Lutas de Libertação Africanas, assim como a importância daquelas lutas na história mundial contemporânea. E relaciona a força motivadora daquelas lutas junto aos processos de afirmação política e ideológica do Movimento Negro Brasileiro nos anos 70 e 80 no Brasil. Questiona, então, referências teóricas e homenagens desatentas à crucialidade de seu pensamento e exemplos, e não engajadas em processos de transformação social e política.

Palavras-chave: Amílcar Cabral; Lutas de Libertação Africanas; África; Movimento Negro Brasileiro

Remembering Amílcar Cabral is talking on the humanity's struggles

Abstract

The paper discusses the work, the intellectual and political history of Amílcar Cabral, leader of its importance as African Liberation Struggle, and the importance of those struggles in contemporary world history. And he lists the motivating force of those fights with the processes of political and ideological statement of the Brazilian Black Movement in the 70 and 80 in Brazil. Questions, then, theoretical references and homages to the centrality unaware of his thought and example, and not engaged in processes of social and political transformation.

Key words: Amílcar Cabral; African Liberation Struggle; Africa; Brazilian Black Movement.



* **AMAURI MENDES PEREIRA** é Doutor em Ciências Sociais - UERJ; Professor do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em História da África e do Negro no Brasil CEAA-UCAM.

Falar de Amílcar Cabral é falar das lutas dos povos¹

Apenas um homem, embora gigante, morreu. Compete-nos tirar as lições.

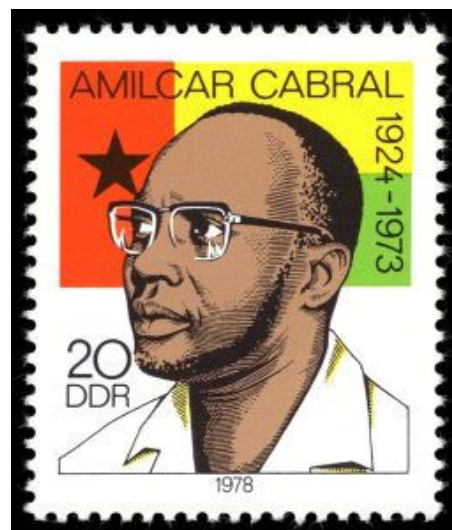
Amílcar Cabral não morreu porque queria apenas a independência da Pátria, uma nova bandeira, um novo governo instalado no seu país.

... Arrancar de nós a ideologia e cultura exploradora para assumirmos e vivermos, no detalhe do cotidiano, a ideologia e cultura requeridas pela Revolução

Constitui a essência do combate pela criação do homem novo.

Samora Machel

Este título é emprestado do discurso de Samora Machel², na cerimônia do enterro de Amílcar Cabral³, em Conakry – capital da República da Guiné-31 de janeiro de 1973. Os-as dirigentes da SINBA não descansamos até publicá-lo em off-set, formato livro, em capa brilhante em duas cores. Conseguimos realizar esse intento em janeiro de 1983. Na ocasião realizamos manifestações – foram momentos gloriosos da nossa **Banca da Imprensa Negra** – em



diversas praças públicas do centro do Rio de Janeiro, em subúrbios, e nos centros de cidades da região metropolitana: Niterói, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Nilópolis e São João de Meriti, durante a última semana de janeiro e nas primeiras semanas de fevereiro. A primeira delas foi marcante: precedida de muita divulgação, inclusive através de entrevistas em programas de rádio, reuniu cerca de mil pessoas, no Largo da Carioca, local de grande circulação de pessoas no centro do RJ. Foram sempre vibrantes os discursos de militantes do Movimento Negro e de outros Movimentos Sociais, e de diversas entidades culturais, recreativas, educacionais. Alguns artistas disseram presente, cantando e recitando poemas.

Vendemos ali os trezentos exemplares da 1ª edição, e foi necessário correr com sucessivas edições para os outros lançamentos e manifestações. Eram 10 anos da “vida eterna e gloriosa” de Amílcar Cabral!!!! Grupos de militantes de toda parte se associavam à nossa iniciativa e participavam sempre – muita vibração!

Apresento um exemplar do livro e conto essa história como testemunho de que a militância negra no Rio de Janeiro, e o contexto mais amplo da luta contra o

¹ Texto preparado para intervenção no Seminário **A vida e a obra de Amílcar Cabral: Um olhar do século XXI**. 20 de Março de 2012. UNB-Universidade de Brasília-CCN-Centro de Convivência Negra.

² Principal liderança da luta de libertação nacional de Moçambique (1965-1975), e primeiro presidente da nova nação. Morto, em 1986, em acidente de avião, com fortes suspeitas de sabotagem tecnológica de forças de inteligência sul-africanas.

³ Amílcar Cabral nasceu em Bafatá, Cabo Verde. Formou-se em Agronomia em Portugal. De volta à Guiné tornou-se o principal articulador e liderança do PAIGC-Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissáu e Cabo Verde. Comandou a luta armada de libertação nacional até ser assassinado, por ex-membros do PAIGC, envolvidos em uma grande operação da polícia política e do exército colonial português.

racismo nos anos 70 e 80, conheceu Amílcar Cabral,⁴ sua importância como liderança das Lutas de Libertação Africanas, assim como a importância daquelas lutas na história mundial contemporânea.

Mais ainda do que as lutas de classes nos países capitalistas e o antagonismo entre esses países e o mundo socialista, as lutas de libertação dos povos coloniais é a característica essencial, nós diríamos o motor principal, da marcha da história da nossa época. (CABRAL, 1974: 12-13).

Incontáveis vezes repetíamos essa sentença, entre a militância negra, e em rusgas ideológicas com militantes de esquerda que desconheciam aquelas lutas e menosprezavam a luta contra o racismo no Brasil.

Falar é fácil!

Pensei nesse ditado popular entranhado no senso comum perante a responsabilidade de falar de Amílcar Cabral, num evento com essa amplitude, em uma das grandes universidades públicas brasileiras – e exatamente nesta que nasceu marcada pela exigência de lutas políticas e físicas para existir.

Desde que conheci sua obra e me identifiquei com sua personalidade tomei Amílcar Cabral como exemplo de *práxis* revolucionária. Isso não é fácil. Primeiro porque como um teórico e estrategista refinado analisar sua obra, seu pensamento e ações, requer máximo zelo. Mas principalmente porque saudá-lo, reverenciá-lo pelo pensamento ou

por seus feitos como liderança político-militar é pouco.

Vou abordar, então, sua obra. E depois explicar minha visão de porque é pouco apenas falar e venerar Amílcar Cabral.

A arma da teoria

Estamos em uma universidade e é importante sabermos, por exemplo, como Amílcar Cabral antecipou questões ditas teóricas, que só mais tarde seriam discutidas em certos contextos, favorecendo avanços em muitas lutas sociais. Começo por me referir ao seu discurso sobre a Arma da Teoria.⁵

Imaginemos o impacto: Era a sessão plenária da Tri continental de Havana – I Conferência de Solidariedade dos Povos de África, Ásia e América Latina – 6.01.1966 – e estavam presentes quase todas as principais lideranças de povos em luta contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo. Um rapaz africano de baixa estatura e pouco conhecido assume a tribuna, e após saudações e breves referências às razões de todos para estarem ali, faz uma convocação surpreendente para aquele contexto:

Não vamos utilizar esta tribuna para dizer mal do imperialismo...

⁵ Em janeiro de 1976 um pequeno grupo de membros da SINBA-Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, entidade negra criada em Setembro de 1974, no Rio de Janeiro, se reuniu para confraternizar e para planejar as atividades do ano que começava. Aconteceu no local de trabalho de Yedo Ferreira – o mais experiente e articulado de todos – na estação de retransmissão da rádio MEC e Roquete Pinto, na Penha, subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro, margeando a Av. Brasil. Um velho rádio, ainda do tempo de válvulas, com enorme alcance sintonizou em ondas curtas com excelente sonoridade, a rádio cubana, e de lá ouvimos inteiramente surpresos e encantados o discurso de Amílcar Cabral, no programa que comemorava 10 anos da **Tri continental**.

⁴ Para isso colaborou, também, a iniciativa de Carlos Comitini, argentino radicado no Rio de Janeiro, que publicou, em 1980, o texto **A Arma da Teoria**, através da Editora CODECRI-Comitê de defesa do Criolêu, do Jornal O PASQUIM-de saudosa memória.

Para nós o pior ou o melhor mal que se pode dizer do imperialismo, qualquer que seja a sua forma, é pegar em armas e lutar. É o que estamos a fazer e faremos até a liquidação total da dominação estrangeira nas nossas pátrias africanas... Pedimos permissão para utilizar essa oportunidade de uma maneira mais útil. A nossa agenda de trabalhos inclui temas cuja importância e acuidade estão fora de discussão, e nos quais sobressai uma preocupação dominante: a luta. Observamos, contudo, que um tipo não está mencionado expressamente nessa agenda, embora tenhamos a certeza de que está presente no espírito dos que a elaboraram. Queremos referir-nos à luta contra as nossas fraquezas. Estamos convencidos de que qualquer revolução nacional ou social que não tenha como base fundamental o conhecimento adequado das contradições internas de sua realidade social, cultural, econômica (portanto histórica), corre fortes riscos de insucesso, se não estiver votada ao fracasso... Vale a pena lembrar nesta ambiência Tri continental... Que a libertação nacional e a revolução social não são mercadorias de exportação. São (e sê-lo-ão, cada dia mais) um produto da elaboração local – nacional – mais ou menos influenciável pela ação de fatores exteriores (favoráveis e desfavoráveis), mas determinado e condicionados essencialmente pela realidade histórica de cada povo, e apenas assegurados pela vitória ou a resolução adequada das contradições internas de várias ordens que caracterizam essa realidade. O sucesso da revolução cubana, que se desenvolve apenas 90 milhas da maior força imperialista e anti-socialista de todos os tempos, parece-nos ser, no seu conteúdo e na forma como tem evoluído, uma ilustração prática e

convincente da validade do princípio acima referido... Essa opinião é ditada pela nossa própria experiência de luta e pela apreciação crítica das experiências alheias. Àqueles que verão nelas um caráter teórico, temos de lembrar que toda prática fecunda uma teoria. E que, se é verdade que uma revolução pode falhar, mesmo que seja nutrida por teorias perfeitamente concebidas, ainda ninguém praticou vitoriosamente uma Revolução sem teoria revolucionária. (CABRAL, 1974: 38-9-40-41).

Gostaria de falar longamente sobre a forma incisiva de seu questionamento a “verdades” quase intocáveis para certas ortodoxias à época, sobre a inadequação, do ponto de vista dos povos colonizados, da visão de que a força motriz da história é a luta de classes. Propôs (discretamente bem-humorado) que se pusessem todos de acordo: a força motriz da história seria o avanço das forças produtivas. O mesmo sobre sua discussão do conceito de modo de produção e a respeito do novo estágio do imperialismo: para Cabral, naquele momento era fundamental se considerar a conjugação das “soluções nacionais” em nações africanas recém independentes, as relações de produção internas e no plano internacional, e as novas condições e características de extração da mais valia, contida em manejos produtivos e circuitos comerciais, como desdobramentos do neocolonialismo.⁶

⁶ Será muito bom articular tal discussão a partir da proposta de Samir Amin, de se discutir criticamente a categoria de modo de produção asiático de Marx, à luz das histórias de sociedades africanas e asiáticas. E será útil, também, ler com atenção **Neo-colonialismo: último estágio do imperialismo**, de Kwame N' Krumah.

Uma pena não poder comentar melhor, mas é importante aludir brevemente a questões centrais em seu pensamento, que o diferenciavam pelo equilíbrio manifesto em idéias e ações:

- Por exemplo, a alusão ao **papel da violência**, repercutindo Fanon, que ele não cita. Para Amílcar Cabral a violência era necessária – se encontravam em luta armada de libertação nacional contra um exército que ocupara seus territórios! Mas sua abrangência e intensidade deviam ser avaliadas a cada momento e circunstância pelos combatentes. Assim como fora obstinado em conseguir os mísseis *Sam* (produzidos pela União Soviética, e decisivos para muitas vitórias frente os aviões franceses *Mirage* cedidos pela OTAN) e o treinamento necessário para combatentes, era obstinado, também, com a pregação de que suas lutas em África eram contra o colonialismo e o exército colonial, não contra o povo português – não perdia oportunidade de conclamar o povo português e mesmo portugueses que viviam na Guiné, a estabelecerem relações de amizade baseadas no respeito mútuo entre seus povos. E foi sempre lembrado por sua atitude humanista na exigência de tratamento de acordo com as convenções internacionais aos soldados portugueses aprisionados em combate;
- Outro bom exemplo era sua discussão sobre o **papel decisivo da pequena burguesia e seu necessário “suicídio de classe”**, nas lutas de libertação dos povos

africanos de língua oficial portuguesa. Seu conhecimento da estrutura social na Guiné-Bissáu e de Cabo Verde, populações majoritariamente rural, poucos e recentes postos de trabalho urbanos, além de raras oportunidades educacionais para africanos, em geral despolitizados, e mantidos distantes de avanços tecnológicos mais simples, mostravam a importância de se contar com aqueles que furaram tais barreiras. Cabral se punha em sintonia com os debates teóricos de seu tempo e dialogava propositivamente com dogmas de certas correntes teóricas revolucionárias. Dois anos antes ele estivera em Milão e proclamara alto e bom som:⁷

Queria, por exemplo, que os amigos italianos soubessem que apanhamos aos portugueses, muitas armas italianas, sem falar, naturalmente das francesas... Penso que é bom recordar à esquerda ocidental, e particularmente aos seus elementos jovens, que se deve preparar uma atividade militante de estudos e de ação concreta nos países do terceiro mundo, quer ela somente se presuma, ou seja verdadeiramente socialista... É vão discutir longamente sobre a solidariedade, pois que de fato se trata de luta. Nós lutamos de armas na mão na Guiné; Lutai, vós também, não digo de armas na mão, não digo de que maneira, porque o problema é vosso; mas é necessário encontrar o meio e a forma de uma luta contra o inimigo comum; será essa a melhor prova de solidariedade que nos podeis dar. (CABRAL, 1974: 35-36).

⁷ O texto **Breve análise da estrutura social da Guiné “portuguesa”** é condensado da intervenção de Amílcar no seminário organizado pelo Centro Franz Fanon, em 1964, em Milão-Itália.

Tal postura teórica e estratégica gerou muitas controvérsias, o que confirma que ela era dirigida a certos setores revolucionários dos mais ativos na época, adiante derrotados.



Amílcar Cabral (1924-1973)

Cultura e Revolução

Como não comentar sua visão ampla e aguda dos significados mais profundos da colonização e das transformações determinadas pela ação do PAIGC e pela estratégia da luta armada de libertação nacional? Ao mesmo tempo via que *“A luta dos povos pela libertação nacional e a independência tornou-se uma força imensa de progresso humano e uma característica essencial de nossa época”* (CABRAL, 1974: 127), e percebia que:

Não é defender a dominação imperialista reconhecer que ela deu novos mundos a um mundo cujas dimensões reduzira, que revelou novas fases de desenvolvimento de sociedades humanas e que apesar – ou por causa – dos preconceitos, discriminações e crimes que ocasionou, contribuiu para a elaboração de um conhecimento mais profundo da humanidade como um corpo em movimento, como uma unidade na complexa diversidade das características de seu desenvolvimento. (Idem, 128).

Amílcar Cabral foi capaz de identificar aspectos positivos em um processo que *“exigiu e ainda exige o conhecimento mais ou menos correto do objeto dominado, e da realidade histórica em que se movimenta”*. Era evidente, para ele, que *“De fato, nunca o homem se interessou tanto por conhecer outros homens e outras sociedades como*

durante esse último século da dominação imperialista” (Ibidem, 128 e 129).

Mas no cerne de sua análise estava a questão crucial do compromisso com a revolução social, com o papel da cultura e dos agentes culturais, para que a revolução produzisse transformações consistentes.

As massas são as portadoras da cultura. Elas mesmas são a fonte e, ao mesmo tempo, a única entidade verdadeiramente capaz de preservar e criar cultura, quer dizer, de fazer história. (Idem, 131).

Em sua análise e argumentação pontifica a lucidez e “óculos guineenses”, capazes de ver a aceleração propiciada às populações da sua terra, devido ao engajamento e desprendimento necessários à eficácia da luta:

Isso é tanto mais certo quanto a dinâmica da luta exige a prática da democracia, da crítica e da auto-crítica, a crescente participação das populações na gestão de sua própria vida, a alfabetização, a criação de escolas e de serviços sanitários, a formação de “quadros” extraídos dos meios camponeses e operários, e outras tantas realizações, que implicam em grande aceleração do processo cultural da sociedade – Tudo isso deixa claro que a luta de libertação não é apenas um facto cultural, mas também um fator de cultura. (Idem, ibidem, 136-137)

Como fez falta adiante, esse poder galvanizador da militância, a força moral, a clarividência! Frustrou-se adiante a concepção geradora da estratégia liminar de unidade entre

Guiné-Bissáu e Cabo Verde fortalecendo as lutas, e para a reconstrução nacional com melhores condições – hoje são dois Estados nacionais!

Em compensação, foram decisivas, as muitas horas de conversas (que uma vez transcritas viraram textos), em seminários de formação de quadros: a linguagem simples tratando com simplicidade de questões complexas, como as crenças, hábitos, medos, tradições que dificultavam a unidade de diferentes povos prejudicando a unidade necessária... Sua enunciação dos princípios da luta e as análises dos diferentes tipos de resistência – suas razões e operacionalidade concretas – necessários ao êxito... Para além da sua importância na história do pensamento revolucionário de nossos tempos, essas contribuições teóricas serão sempre úteis a movimentos sociais em qualquer latitude.

Na UNB e em outras universidades há cada vez mais professores estudiosos de África e, certamente, virão cursos com abordagens mais cuidadosas sobre a obra e a importância de Amílcar Cabral e as lutas de libertação africanas na história contemporânea. Aqui vai um testemunho.

Questão de coerência

Finalizo explicando minha visão de que falar de, e mesmo venerar, Amílcar Cabral é pouco. Para o Movimento Negro e o conjunto mais amplo das lutas antirracistas, inclusive os novos e benvindíssimos estudiosos voltados para África, há o risco de, por desconhecimento ou desatenção, deixar



Amílcar Cabral lá, entronizado e simbólico. Seu pensamento é instigador e se antepôs à perpetuação de vieses eurocêntricos recorrentemente tomados como universais; e

representa um bastião de lucidez, amplitude e densidade, capaz de imunizar contra certa tendência deletéria observável face à segmentação e recortes temporais, espaciais, por campos de conhecimento, e outros, compreensíveis e necessários ao avanço dos Estudos Africanos. Precisam ou devem, no entanto, ser displicentes e descomprometido em relação à crucialidade dos dilemas africanos contemporâneos, intrinsecamente conectados aos processos que geraram o bem e o mal da globalização.

Uma questão ética está posta para quem o toma apenas como objeto de estudo e até de reverência, mas não partilha com ele o compromisso de transformação, de engajamento efetivo na causa da justiça social, da democracia, da ética na política, e da fraternidade nas relações pessoais e institucionais. Porque sua vida foi obstinadamente voltada para a luta contra o colonialismo e imperialismo, materializada na construção do PAIGC e das condições para desencadear, efetivar e vencer a luta de libertação, e conquistar a independência daqueles povos. Embora rejeitando qualquer patrulhamento ideológico, digo isso, porque a angústia do que fazer com conhecimentos e sentimentos tem sido comum em muitos de nós, nesses tempos de incertezas, de desafios nem sempre evidentes, de desgastes, de caminhos batidos, e de acomodação a conquistas que foram tão

importantes, hoje insuficientes. Como amilcariano não posso estar satisfeito – um militante quer sempre mais! “Se ele está satisfeito: acabou!”

Vale a história: Amilcar respondeu assim a pergunta de um militante que se identificou como nascido no Mali (um país do noroeste africano), no encontro que tiveram – ele e cerca de 120 militantes negros – no Harlem-Nova York-USA, no dia 20 de outubro de 1972. O jovem maliano questionava a ajuda insuficiente de países africanos recém independentes ao PAIGC. Amilcar foi hábil: não desqualificou a pergunta, mas deixou claro que o quadro era mais complexo e que ele não poderia estar satisfeito, mas tal confronto não interessava ao PAIGC, naquele momento – o PAIGC precisava de ajuda, certo, mas o principal era exercitar uma visão ampla das contradições: no interior do PAIGC, no contexto mais amplo de ligações entre as novas nações africanas, e no tipo de relações que se poderia esperar entre as mesmas, frente às antigas metrópoles e aos desafios do neo-colonialismo.

Ao longo de 17 páginas percebe-se a diferença de postura e perspectiva entre as duas partes – um líder da luta armada contra o colonialismo português (à época apoiado pela OTAN e pelos EUA), que se encontrava no auge (por sinal Amilcar seria assassinado exatos três meses depois); e os demais envolvidos com o rescaldo e a necessidade de resignificação e criação de novos caminhos, pós a trajetória vertiginosa de vitórias e conquistas do Movimento Pelos Direitos Civis nos anos 60.

Amilcar se tornara um estadista. Fora a Nova York falar ao plenário da XXVII sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas. Era a primeira vez que se abria essa oportunidade a um dirigente

político em luta armada de libertação nacional. Mas solicitara a amigos aquele encontro com militantes negros.

É fácil entender porque:

Eu digo a vocês francamente, embora minha visita às Nações Unidas possa ofender ou magoar alguns, cada dia eu me sinto mais identificado com vocês. Eu não penso da mesma forma que vocês sobre raça, mas cada dia eu imagino que se não tivesse que fazer a luta em meu país, talvez eu viesse para cá me juntar a vocês. (AIS, 1973: 81-minha tradução).

Para um militante do Movimento Negro Brasileiro olhar para a obra e o exemplo de Amilcar Cabral com um “olhar do século XXI” é por demais útil e importante. No exemplo acima é evidente como, ainda que nos unam sentimentos de simpatia e solidariedade, e de efetivo desejo de compartilhar as lutas é fundamental lembrar mais um ditado popular: “cada macaco no seu galho”. Cada luta em seu contexto.

Nos anos 70 e inícios dos 80 havia um debate surdo nas hostes militantes a respeito das melhores influências e referências a serem seguidas pelo Movimento Negro. Na SINBA – Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, nos víamos como africanistas, e para nós havia os-as americanistas, que reprovávamos (negros norte-americanos seriam capitalistas, burgueses). Aos poucos fomos percebendo que não era necessário se prender à retórica amilcariana para seguir a orientação de Amilcar Cabral: o que adiantava saber que “seu pensamento revolucionário era o mais pertinente à realidade brasileira da época”? Foi superando desacordos e limitações, e trilhando juntos caminhos e circunstâncias árduas, que a militância do Movimento Negro Brasileiro

aprendeu o que significa – de verdade – unidade na diversidade.

Estabelecer alianças e produzir discursos e eventos, buscando unificar a militância e aproximá-la “das massas”, e conquistar mais e mais corações e mentes (entre negros e não-negros) para a causa. Eram momentos de esforços inauditos para afirmação política das entidades e do conjunto do Movimento Negro; e ideológica da idéia de Consciência Negra...⁸ Tudo isso foi decisivo para a ampliação da consciência social sobre o racismo e para conquistas políticas e institucionais.

Em outro contexto e circunstância soubemos entender o “espírito” das idéias de Amílcar:

Devemos estar conscientes, nós os movimentos de libertação nacional integrados na CONCP, que a nossa luta armada não é senão um aspecto da luta geral dos povos oprimidos contra o imperialismo, da luta do homem pela sua dignidade, pela liberdade e o progresso. É nesse quadro que teremos de ser capazes de integrar a nossa luta. Devemo-nos considerar como soldados, muitas vezes anônimos, mas soldados da humanidade, nesta vasta frente de luta que é a África de nossos dias.

Nós somos na CONCP ferozmente contra o neocolonialismo, qualquer

que seja a forma que ele tome. A nossa luta não é apenas contra o colonialismo português, nós queremos no quadro da nossa luta contribuir de maneira mais eficaz para acabar para sempre, com a dominação estrangeira em nosso continente.

A CONCP deve constituir um exemplo para os povos da África. Porque nós somos, nessa luta gloriosa contra o imperialismo e o colonialismo em África as primeiras colônias que se reúnem para discutir em conjunto, para planificar em conjunto, para estudar em conjunto os problemas que respeitam ao desenvolvimento da nossa luta. É, sem dúvida, uma contribuição muito interessante para a história da África e para a história dos nossos povos.⁹

Não se trata de “reviver” os ensinamentos de Amílcar Cabral – eles não pereceram. Vejo como essenciais seus exemplos: A teoria é uma arma imprescindível ao avanço das lutas sociais; e essas lutas precisam atentar sempre para suas próprias contradições.

Vamos nos convidar a todxs para eventos de todo tipo, em todo lugar, em Janeiro de 2013? Celebremos os 40 anos da vida eterna de um exemplar ser humano revolucionário, que doou tantas coisas e a própria vida para tornar melhor vidas e consciências de seu povo, e de todos nós!

⁸ Tenho em mente o sucesso de **Coisa de Pele**, de Jorge Aragão, e **Sorriso Negro**, de D. Ivone Lara, nos inícios dos anos 80. Ambos (que, como a maioria dos “mais antigos” costumavam ser cautelosos com a questão racial) surpreenderam as velhas guardas do samba assumindo abertamente as idéias da Consciência Negra – o que apenas Nei Lopes já fazia entre os compositores mais destacados. Tempos depois recebi de um amigo a informação de que Jorge Aragão aprovara o artigo que publiquei no Jornal **O Dia**, do Rio de Janeiro, analisando o caráter eminentemente político do seu Samba.

⁹ Intervenção de Amílcar Cabral na Conferência da CONCP-Conferência das Organizações Nacionais de Libertação das Colônias Portuguesas-Dar-es-Salam-1965. (citado por IGNATIEV, 1984: 154)

Referências

AIS-Africa Information Services. **Return to the Source: Selected Speeches of Amilcar Cabral**. Monthly Review Press. London. 1973

CABRAL, Amílcar. **PAIGC Unidade e Luta**. Publicações Nova Aurora. Lisboa. 1974

_____. **Guiné Bissáu: Nação africana forjada na luta**. Publicações Nova aurora. Lisboa, 1974.

COMITINI, Carlos. Amílcar Cabral: **A Arma da Teoria**. Editora CODECRI. RJ. 1980.

CONTINUAR CABRAL. **Simpósio Internacional Amilcar Cabral**. Cabo Verde,

17 a 20 de Janeiro de 1983. Editora Grafetido/Prelo –Estampa

IGNÁTIEV, Oleg. **Amilcar Cabral**. Edições Progresso. Moscovo. 1984.

MACHEL, Samora. **Falar de Amilcar Cabral é falar da Luta do Povo**. Texto SINBA-Libertação Africana. Edição IPCN. RJ. Janeiro de 1983.

MEALY, Rosemari. **Fidel e Malcolm X: Lembranças de um encontro**. Casa Jorge Editorial Ltda. Niterói/Rio de Janeiro. 1993. Trad. Martha Cardoso Moreira Lima.